

“Carta a um filósofo” – Luciano Bitencourt

Para: Aristóteles de Estagira

São Paulo, dezembro de 2016.

Incomparável, estimado e autoridade máxima, ó sábio Aristóteles,

É com profundo pesar que venho lhe transmitir uma péssima notícia: o mundo atual não tem lógica. Sei que você deve estar pensando: “tudo bem, aqui na Grécia, até então, também não tinha”, mas trata-se de uma situação completamente diferente. Sei que a vossa excelência, autor do *Órganon* e criador do silogismo, não chegou a nomear a sua invenção como lógica, mas foi assim que todos em seguida entenderam a sua magnânima proposta. O problema é que, atualmente, não existe mais premissa primeira, irrefutável, verdadeira e indemonstrável, donde se deriva as demais e se chega a uma conclusão. Tudo é dialética, ou seja, aquilo que é pode ser e não pode simultaneamente. É um absurdo.

Aliás, só a título de esclarecimento, depois que aquele bando de preguiçosos autointitulados céticos caiu em descrédito ao destruir o último alicerce da cultura clássica, cessando de nos encher o saco, o mundo medieval cuidou de estudar o seu silogismo demonstrativo por mais de mil anos. Não que a trupe daqueles monges tão bem descrita no Decamerão, por Boccaccio, fosse menos chata do que Pirro, porém que eles se debruçaram sobre a sua obra, ah! Isso é inegável!

Acontece que os modernos não deixaram barato. Eles retomaram o execrável ceticismo, criaram um certo formalismo lógico e se embrenharam por outro caminho. Devo confessar-lhe que ocorreram ganhos indiscutíveis, principalmente, no que diz respeito à ciência. Mas aí é preciso que a vossa excelência saiba: esse salto é muito mais devido a Euclides do que à sua silogística. Eu sei, eu sei, que deves estar bradando que o geômetra alexandrino foi influenciado por seus *Analíticos Posteriores*. Eu, particularmente, acredito na vossa palavra, porém hoje... volto a afirmar: esse mundo não tem lógica.

Inclusive, Arizinho, querido, aconteceram coisas inacreditáveis. Surgiu, por exemplo, um tal de Copérnico que arrasou com a sua teoria das esferas concêntricas; se não bastasse, na sequência foi a vez de Galileu Galilei destruir a sua dinâmica; e, quando muitos achavam que a situação não poderia ficar pior, me aparece o Isaac Newton para colocar uma pá de cal na sua visão de natureza. Daí até a proclamação do fim da metafísica foi apenas um passo. Imagina só: acabou virando moda todo e qualquer filósofo negar a metafísica! É certo que algumas partes do seu castelo ainda ficaram de pé, a que diz respeito à biologia que o diga. Mas não demorou muito até que aquele exibido do Charles Darwin metesse o pé na sua cumbuca. Ai já era, é consenso agora que em *ousía* viemos de uma bactéria. A situação se complicou tanto que nem um baixinho esquizofrênico alemão que dialogou bastante com a vossa eminência, em Königsberg, conseguiu mantê-lo em evidência.

Então, entramos na contemporaneidade ou o que se costuma chamar de mundo pós-moderno. E se a coisa estava feia nos séculos da razão, no império da tecnologia, da ignorância e da superficialidade, não seria diferente. Em relação à sua lógica, os modernos viraram os donos da bola. Eles pegaram a pelota, colocaram na marca do pênalti, sem arqueiro, e os contemporâneos, ou pós-modernos, deram-lhe uma bicuda enterrando-a para dentro do gol. No campo tecnológico, uma vez que o Gottfried, digo o Leibniz, fodeu com a sua noção do contínuo ao inventar o cálculo infinitesimal em meados do século XVII, você não acreditaria nas ideias de gente como Euler, Gauss, Frege, Russell, Poincaré, Heisenberg e Schrodinger. Depois deles, a sua lógica não faz o menor sentido (o José Sarney, por exemplo, se tornou um imortal). Contudo, a sua sorte é que, dado o contingente de estultos e beócios na atualidade, ninguém entendeu patavinas do que esses caras estão falando – embora também não entendam nada do que você escreveu.

Além disso, à medida que fomos adentrando no século XX, a parvoíce se proliferou de tal maneira que Sócrates virou sinônimo de jogador de futebol, Platão de cachorro de estudante brisado de filosofia e Aristóteles de advogado atuante em Brasília. Ou seja, minha considerável autoridade, o que pode ser pior? Emprestar o seu nome para um ícone do Corinthians, para um cão vira-latas de integrante da Marcha da Maconha ou

para um bacharel em Direito? Nós dois sabemos a resposta: para um advogado, é lógico. Isso porque nem vou me referir a quem se trata hoje em dia por Alexandre...

Sendo assim, despeço-me de vossa magnificência ciente de que Estagira deve ser a melhor cidade da esfera sublunar se comparada a qualquer município do Brasil, do México, do Iêmen ou da Síria. Reitero meus axiomas expostos no início desta carta de que não existe lógica alguma neste mundo, e se, de acordo com o que ensinastes a Nicômaco, o melhor caminho é o do meio concluo que – entre a Angélica e a Augusta – devo me encarregar de comer um torresmo e tomar um uísque na Consolação.

Saudações deste humilde discípulo extemporâneo que preferiria ser o seu escravo a ser cobaia dessa néscia ferramenta chamada Google,

Mui respeitosamente,

Luciano Bitencourt.